

O BEBÊ SURDO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM OLHAR SOBRE INCLUSÃO E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Dayane Bollis Rabelo¹

Prof^a. Dr^a. Ivone Martins de Oliveira²

Eixo temático 5: Pesquisa, Educação,

Diversidades e Culturas

Comunicação

RESUMO

Tivemos como objetivo analisar como ocorre a inclusão de dois bebês surdos (de 1 ano) na educação infantil do município de Vitória/ES. Como aporte teórico foi utilizada a perspectiva Histórico-Cultural do desenvolvimento humano, sob a perspectiva de que o sujeito se constitui nas relações sociais, como um ser ativo que transforma e é transformado nessas relações; nesse contexto, o desenvolvimento implica a relação com o outro e a mediação da linguagem, meio de comunicação e de constituição do pensamento. Desenvolvemos um estudo de caso etnográfico e adotamos recursos como observação participante, registro em diário de campo, entrevistas semi-estruturadas e análise documental. As análises indicam que muitos profissionais têm dúvidas a respeito da inclusão e que a falta do conhecimento da LIBRAS por parte de muitos profissionais leva à utilização de outros recursos de comunicação, como os gestos. A vivência e interação em LIBRAS torna-se um desafio, sobressaindo a necessidade de mais profissionais com o conhecimento da LIBRAS para atender às crianças surdas, na perspectiva de potencializar o seu desenvolvimento e a constituição de sua identidade. O empenho da equipe bilíngue na estruturação do cotidiano da educação infantil merece destaque, não só pelo trabalho que faz enquanto equipe bilíngue, mas pelo incentivo e auxílio aos outros profissionais.

Palavras-chave: Inclusão na Educação Infantil. Bebê surdo. LIBRAS.

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação da UFES.

² Professora do Programa de Pós-graduação em Educação da UFES

O BEBÊ SURDO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM OLHAR SOBRE INCLUSÃO E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

INTRODUÇÃO: O INÍCIO DO DIÁLOGO

A inclusão de crianças surdas na educação infantil tem sido um desafio para os profissionais da escola, muitas dúvidas e questionamentos perpassam a prática educativa nessa etapa da educação básica. Por outro lado, também há poucos estudos acerca dessa temática, sobretudo no que diz respeito à inclusão de bebês surdos.

Na tentativa de encontrar algumas respostas para as nossas indagações, fizemos uma busca no site da CAPES, porém não encontramos nenhum trabalho (entre dissertações de mestrado e teses de doutorado), desde o ano de 2005, que analisasse a inclusão de bebês surdos (crianças de 0 a 3 anos de idade) na educação infantil de uma forma ampla que contemple a inclusão e as práticas pedagógicas.

Todavia, algumas dessas pesquisas de alguma forma se aproximam e contribuíram com a nossa, como a dissertação de mestrado “A criança surda e seus interlocutores num programa de escola inclusiva com abordagem bilíngue” de Beatriz Aparecida dos Reis Turetta (2006). A tese de doutorado de Ademilde Felix (2008), “Surdos e ouvintes em uma sala de aula inclusiva: interações sociais, representações e construções de identidade”. A dissertação de mestrado de Noemi Nascimento Ansay (2009), “A trajetória escolar de alunos surdos e a sua relação com a inclusão no ensino superior”. Seguindo a temática de inclusão de alunos surdos, porém agora na área de fonoaudiologia, Ana Cláudia Tenor defendeu em 2008 sua dissertação de mestrado intitulada “A inclusão do aluno surdo no ensino regular na perspectiva de professores da rede municipal de botucatu”. Destaco, também, algumas produções da UFES. Como a dissertação de mestrado de Diolira Maria Côrtes (2012), intitulada “Brincar vem: a criança surda na educação infantil e o despertar das mãos”. Seguindo um caminho diferente ao de inclusão de crianças surdas, porém aproximando-se do nosso estudo pelo fato de ter pesquisado a inclusão do bebê deficiente na escola regular, temos a pesquisa de Drago (2010), intitulada “O bebê com deficiência na educação infantil: perspectivas inclusivas do hidrocéfalo”.

Diante disso, o objetivo geral deste trabalho foi analisar como ocorre a inclusão de bebês surdos na educação infantil em um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) referência do Município de Vitória e de modo específico, os nossos objetivos de pesquisa foram: identificar as concepções de inclusão e surdez dos profissionais que atuam com bebês surdos; conhecer e analisar as práticas de cuidado e educação adotados pelos profissionais que atuam com bebês surdos; conhecer e analisar as atividades lúdicas que compõem a

prática educativa com os bebês surdos e analisar como ocorre o ensino da LIBRAS para esses bebês.

DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO E CULTURAL DE CRIANÇAS DE ZERO A TRÊS ANOS

A dimensão histórico-cultural da vida em sociedade é um pressuposto básico da obra de Vigotski. O homem se constitui nas relações sociais, é um ser ativo que transforma o contexto em que vive e é transformado por esse contexto. O homem é um ser biológico e social, e é por meio da sociabilidade que domina o ambiente físico e se torna humano. O desenvolvimento cultural do ser humano ocorre de acordo do contexto social, com o trabalho e as relações dialógicas estabelecidas com outros homens, numa dada cultura. Nesse processo, a criança se apropria da cultura em que está inserida e se constitui como um membro dessa cultura.

De acordo com Vigotski (1996), a relação do homem com o mundo e com outros homens é caracterizada pela mediação. O instrumento e o signo são elementos básicos responsáveis por essa mediação. O primeiro elemento mediador, o instrumento, tem como função regular as ações sobre o objeto, ou seja, ao se interpor entre o homem e o mundo, as possibilidades de transformação da natureza são ampliadas pelo instrumento. Já o segundo elemento mediador, o signo, atua como um meio de ação sobre a própria consciência e é exclusivamente humano. O signo constituiu-se em uma representação dos objetos e relações do mundo real e auxilia o homem no controle e estabelecimento das ações e relações psicológicas.

Por meio do processo de mediação são desenvolvidas as funções psicológicas superiores, especificamente humanas, que estão relacionadas às experiências vividas ao longo da vida pelo indivíduo. Sobressai, assim, na teoria, o papel do outro no desenvolvimento do ser humano. É o outro que aponta para a criança aspectos significativos da realidade a ser apropriada. É o outro que dirige a atenção da criança para o que é significativo no seio da vida cultural.

Esses pressupostos são fundamentais para a compreensão da relação entre desenvolvimento e aprendizado. Para Vigotski (2007), o aprendizado não é desenvolvimento, e sim é um aspecto necessário para tal. Os processos de desenvolvimento e aprendizagem não coincidem, a aprendizagem sempre estará à frente do desenvolvimento, propiciando condições para que este desenvolvimento seja tracionado.

Desta forma, para Vigotski (1983), é necessário que o professor utilize de ferramentas diversificadas, outras metodologias, outras possibilidades, para romper com as práticas cristalizadas, baseadas na ideia de que todos aprendem do mesmo jeito e no mesmo espaço. A partir dessa ideia, entendemos que, na escola, é necessário, também, romper com a visão quantitativa, que perpassa o currículo e a avaliação, revisando as práticas, os conteúdos e a maneira como se vê o outro.

A temática da inclusão escolar e, especificamente, a educação de surdos na escola regular são questões atuais no campo da legislação brasileira e se regulariza com a aprovação do Decreto n.º 5.626/2005, que regulamenta a Lei n.º 10.436/2002, que oficializa a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). Além do direito a uma educação bilíngue e do intérprete em sala de aula para os alunos surdos, este Decreto ainda indica que a disciplina de LIBRAS é obrigatória para os cursos de fonoaudiologia e todas as licenciaturas.

Nesta perspectiva, o aluno e, neste caso especificamente o bebê surdo, é considerado capaz de pleno desenvolvimento, desde que lhe sejam dadas as condições para tal, o que torna essencial pensar nesta abordagem para a pesquisa. Entender como acontece a inclusão de um bebê surdo diante das possibilidades de aprendizagem que lhe estão sendo proporcionadas é uma das possibilidades de contribuir para a efetivação de práticas educativas que permitam às crianças surdas serem efetivamente incluídas na escola e na sociedade de modo geral.

PERCURSO METODOLÓGICO: CAMINHOS A SEREM TRILHADOS

Para atingir as questões que atravessaram nossa pesquisa, desenvolvemos um estudo de caso de inspiração etnográfica. O estudo de caso é um estudo da particularidade e da complexidade da investigação, que leva a entender o caso dentro de sua singularidade. A etnografia permite a reflexão sobre os aspectos simbólicos e culturais da ação social; o relato da realidade vivida, adequando-se aos aspectos existenciais que se mostram fundamentais na interpretação do modo de funcionamento das organizações, neste caso escolares. A coleta de dados foi realizada por meio da observação participante, registro em diário de campo, videogravação, fotografias, entrevistas semi-estruturadas (com professores regentes, professores de artes e educação física, professora bilíngüe, professora surda e assistentes de educação infantil) e a análise de documentos formais que fazem parte do cotidiano escolar. Para tanto nossa pesquisa se desenvolveu em um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) em Vitória-ES e tivemos como sujeitos da pesquisa dois bebês surdos com idades de 1 ano e 4 meses e 1 ano e seis meses matriculados no Grupo II-A matutino.

Ressaltamos que dos profissionais envolvidos diretamente com os dois bebês surdos do Grupo II-A, somente a professora bilíngue e a professora surda são fluentes em LIBRAS, os demais profissionais recorrem a equipe bilíngue na tentativa de aprendizado da língua brasileira de sinais e quando não tem o conhecimento utilizam de gestos na comunicação com os bebês surdos.

AS PRÁTICAS EDUCATIVAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL E OS BEBÊS SURDOS

A análise dos dados foi organizada a partir de alguns eixos de análise. O material empírico recolhido indicou a pertinência de se discutir os seguintes aspectos: concepção de inclusão e surdez nos depoimentos dos profissionais, o cuidado e educação na sala do Grupo II-A, a participação das assistentes de educação infantil no Grupo II-A e as atividades lúdicas.

Concepção de inclusão e surdez nos depoimentos dos profissionais

Quando indagamos os profissionais a respeito das concepções de inclusão/ educação inclusiva, constatamos que a maioria apesar de concordar com a inclusão, considera que esta deve ser colocada em prática para além dos documentos legais que garantem a presença das crianças com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento ou altas habilidades e superdotação na escola, de forma que realmente atenda às necessidades dos educandos em processo de inclusão, como é exposto no depoimento a seguir:

Incluir, cumprir a lei, trazer a criança pra escola é fácil, o difícil é você montar uma estrutura pra que essa criança tenha um bom atendimento, ter uma sala onde ela tenha brinquedo, onde elas tenham um profissional que seja capacitado pra isso, porque não adianta você pegar a criança e jogar dentro da escola, entendeu? E ela ter que se virar pra poder aprender, então a escola tem que dar uma estrutura pra que essa criança seja atendida. (Kamila - AEI)

A assistente de educação infantil ressalta neste depoimento que, além de cumprir a legislação que garante a matrícula de crianças com necessidades educativas especiais nas unidades de ensino, é preciso mais investimentos para a estruturação de uma educação com qualidade que garanta não só o acesso, mas também a permanência e a qualidade de ensino, que possibilite meios dignos para o desenvolvimento dessas crianças. Entre as condições não apropriadas à inclusão, destaca-se o número pequeno de profissionais capacitados e especializados para atender as necessidades educativas dos alunos em processo de inclusão.

As concepções dos profissionais acerca da surdez variaram em alguns momentos, mas a maioria considera que o surdo é aquele que não ouve, compreendendo a surdez como a falta de algo, neste caso a audição.

Essa maioria de profissionais entende que o surdo é aquele que não ouve e que aprende como as outras crianças, e para oportunizar este aprendizado as professoras utilizam com os bebês surdos uma comunicação diferenciada das crianças ouvintes por meio dos sinais, atendendo a singularidade linguística dos surdos. Esta é uma maneira de oportunizar às crianças surdas o contato com sua cultura, permitir que elas se constituam em sua língua oficial e serem envolvidas nas atividades interagindo com as crianças da turma, o que contribui também para seu desenvolvimento social. Por outro lado, a professora da equipe bilíngue acredita que o surdo é diferente linguisticamente. Considera que deve valorizar o sujeito, suas experiências, não pautando-se na sua "deficiência" e que a LIBRAS é o meio para a criança surda apropriar-se de tudo ao seu redor.

O papel dos profissionais é de grande relevância neste momento de comunicação com os bebês, pois é a partir da mediação desses profissionais que são possibilitadas novas experiências e conhecimentos, de modo que a linguagem proporcione uma melhor qualidade em seu processo de aprendizagem, cabendo ao mediador nesse momento possibilitar o surgimento de novas zonas de desenvolvimento proximal a todo o momento. (VIGOTSKI, 2010).

O cuidado e educação na sala do Grupo II-A

No Grupo II-A, constatamos que as professoras e assistentes se dividiam entre as atividades de educação e cuidado das crianças. Havia uma preocupação das profissionais em envolver os bebês surdos nessas atividades, ainda que, por vezes, a comunicação com eles ficasse prejudicada pelo desconhecimento da LIBRAS por parte dessas profissionais.

Algumas atividades de educação e cuidado das crianças e recursos didáticos se destacaram no decorrer da pesquisa pelo interesse e envolvimento dos bebês, como a elaboração de caixas com imagens de frutas e pintadas com as cores selecionadas pelas professoras. Essas caixas além de ter a cor ou a fruta, também tinha a escrita em português e em LIBRAS. As professoras tinham como objetivo principal dessa atividade proporcionar o conhecimento das frutas e cores e possibilitar novas formas de manuseio e imaginação das crianças e conseqüentemente o ensino da LIBRAS para os bebês surdos. Essas caixas eram utilizadas livremente pelas crianças e em determinados momentos direcionadas pelas professoras, para empilharem, empurrarem, jogar para cima, posicioná-las de diferentes formas. Além disso, a sala conta com um alfabeto LIBRAS-Português e um mural de cores também em LIBRAS, em que as crianças, e principalmente as surdas, os utilizam em momentos de brincadeira e aprendizado.

Os profissionais da turma conversam com as crianças a todo o momento estimulando-as a interagirem por meio da palavra. No caso dos bebês surdos, sempre que eles solicitam alguma ação ou quando participam de atividades, os profissionais, principalmente a professora bilíngue, interagem perguntando em LIBRAS /O QUE QUER?/, /O QUE É ISSO?/, /COMO?/, entre outros, além de incentivarem não só os bebês surdos, mas todas as crianças da sala a participarem de brincadeiras coletivas e do estabelecimento de contato com o outro. Para os bebês surdos, as professoras dizem: /BRINCAR JUNTO/, /AMIGO/, /LEGAL/, como forma de estimular a interação com as outras crianças. As atividades ocorrem de forma coletiva e individual e as professoras vão interagindo com as crianças nesse processo, convidando-as a participarem, no caso das crianças surdas elas recorrem à equipe bilíngue para o aprendizado de sinais que serão utilizados durante a rotina escolar.

A equipe bilíngue desenvolve o ensino e uso da LIBRAS de forma integral. Para tudo que acontece na rotina da escola, elas utilizam a LIBRAS com as crianças surdas que já se apropriaram de alguns sinais.

O contato com outras crianças e adultos possibilita, segundo Vigotski (1979), o desenvolvimento das funções psicológicas superiores e conseqüentemente promove a aprendizagem. A mediação do professor nesse momento também contribui para o desenvolvimento do pensamento e da linguagem dos bebês.

A participação das assistentes de educação infantil no Grupo II-A

As assistentes de Educação Infantil (AEIs) dão suporte às professoras ajudando as crianças no desenvolvimento das atividades, ou participando de eventos culturais referentes ao Grupo II-A, além de mediar os momentos de brincadeiras e conflitos, colaborando no estabelecimento de regras nas relações entre crianças e no desenvolvimento das atividades pedagógicas. Além disso, destacam-se no auxílio às crianças nos momentos de alimentação, higienização e descanso.

As assistentes do Grupo II nunca tinham tido contato com surdos anteriormente à presença dos bebês surdos na sala, e também não tinham o conhecimento da LIBRAS. Com a chegada dos bebês surdos no Grupo II, elas precisaram conhecer a língua oficial deles. No início, utilizavam gestos para direcionar suas ações, como "trocar fralda", "lavar a boca", "beber água", "dormir", entre outros, mas a necessidade de se aproximarem desses sujeitos as levou a dedicarem-se ao conhecimento/apropriação da LIBRAS e com apoio da equipe bilíngue estão aprendendo os sinais básicos para interagirem com as crianças na língua delas.

O fato de as assistentes se dedicarem ao aprendizado da LIBRAS mostra o esforço delas para tentar garantir que os bebês surdos tenham na linguagem um instrumento de interação social, proporcionando a constituição da singularidade de um sujeito pertencente a um determinado grupo. A maneira como elas e as professoras regentes interagem com as crianças surdas são semelhantes, pois ambas, professoras e assistentes, estão em processo de aquisição da LIBRAS e atuam buscando ensinar aos bebês surdos os sinais que já conhecem e estabelecer um diálogo.

As atividades lúdicas

Ao brincar a criança se desenvolve, mobiliza a imaginação, a cognição e o afeto, além das relações interpessoais com adultos, ou parceiros, vivencia novas experiências culturais e ressignifica objetos. As brincadeiras no Grupo II-A ocorrem de forma livre ou dirigida pelos profissionais da sala de acordo com o planejamento para cada dia. A sala conta com alguns brinquedos e jogos que fazem parte do projeto da turma.

As professoras confeccionaram, com a ajuda da equipe bilíngue, um dominó bem grande que tem de um lado a imagem de uma fruta e do outro um sinal de outra fruta, como eles ainda são bem pequenos o objetivo da brincadeira é que as professoras mostrem o sinal e a criança tente achar a fruta, ou ao contrário, as professoras mostram a fruta e as crianças têm que achar o sinal. Essa brincadeira é feita com todos os alunos da sala, assim como as brincadeiras com o outro material elaborado, imagens das cores e frutas impressas em cartões em tamanho grande para as crianças observarem e repetirem o sinal. Todos esses momentos de brincadeira são mediados pelos profissionais que se antecipam no estudo da LIBRAS, informando-se com a equipe bilíngue, para promoverem as atividades/brincadeiras com os alunos.

A equipe bilíngue está presente em quase todos os momentos da rotina dos bebês surdos e acredita na importância da sua mediação nos diferentes contextos da educação infantil, como nos momentos das brincadeiras, do contato com o outro e com seus pares e nos momentos de conflitos.

E O DIÁLOGO CONTINUA...

Trataremos, neste momento, de possibilidades de diálogos que possam contribuir com a inclusão de crianças surdas na escola regular, bem como a possibilidade de futuros estudos acerca da temática.

Em relação às concepções dos profissionais sobre inclusão e surdez, podemos perceber nos depoimentos que em suma os profissionais acreditam no processo de inclusão, porém, ressalvas foram feitas no que tange a como este processo de inclusão vem ocorrendo na atualidade e que é necessário mais investimento na educação destinada a estas crianças, não somente na estruturação/adequação física do ambiente escolar, como também da qualificação dos profissionais que trabalham com as crianças surdas para que tenham uma educação sem imprevistos.

No que diz respeito às concepções de surdez, os depoimentos dos profissionais oscilaram em alguns momentos. A maioria vê a surdez como a falta de algo, neste caso, a audição e que por esse motivos precisam trabalhar com essas crianças de maneira específica com a utilização da LIBRAS. A professora bilíngue, vê o surdo como um sujeito diferente linguística e culturalmente, com especificidades no ensino para um bom desenvolvimento, concordando com os demais profissionais que eles precisam (e aprendem) por meio da LIBRAS e que o acesso à ela deve ocorrer desde a tenra idade.

Percebemos, durante nossas observações que as professoras tentam aprender maximamente com a professora bilíngue os sinais que são mais utilizados para aquele contexto de educação infantil ou que serão utilizados em determinados momentos/atividades. O conhecimento linguístico da professora bilíngue atrai os bebês surdos, que passam boa parte do tempo interagindo com esta professora. Assim, as práticas de educação e cuidado dos bebês surdos, mesmo que em alguns momentos sejam assumidos por todos os profissionais (professores e assistentes), ficam com maior intensidade sob responsabilidade da professora bilíngue.

Apesar disso, os profissionais, quando interagem com esses bebês, tentam utilizar alguns sinais de LIBRAS como meio de comunicação, pois, apesar de não serem fluentes na língua, eles tentam aprender os sinais com a professora bilíngue e colocam as crianças em situações de explorar o ambiente, os materiais disponíveis e sua língua. Entretanto, destacamos que o pouco conhecimento em LIBRAS e a oralidade presente em algumas situações de comunicação com esses bebês por parte desses profissionais dificultam o processo de ensino e aprendizado e conseqüentemente de desenvolvimento dessas crianças. Destacamos a equipe bilíngue e o ensino da LIBRAS e pudemos realçar a ação da professora bilíngue que teve seu trabalho direcionado ao ensino da LIBRAS em todos os contextos da educação infantil, permanecendo uma parte do dia com os bebês surdos. É ela quem faz a maioria das mediações entre esses bebês, desenvolvendo a linguagem e a comunicação.

Com certeza, a falta de conhecimento linguístico que atenda as particularidades/especificidades dos bebês surdos é uma barreira no processo de desenvolvimento dos bebês no que se refere à relação entre pensamento e linguagem, tornando-se o grande desafio da inclusão desses bebês surdos. Esse fato faz emergir a necessidade de ampliar os conhecimentos de todos os profissionais na língua de sinais, visto que os bebês participam de todo o contexto escolar e lidam com profissionais diferentes, não ficando restritos aos profissionais da sua sala e à equipe bilíngue. É necessário oportunizar às crianças surdas as mesmas condições de aprendizado que é oferecida às outras crianças, o que implica criar condições para que os profissionais aprendam a LIBRAS.

É importante e urgente que a Secretaria Municipal de Educação (SEME) crie estratégias para capacitar os profissionais para o trabalho com crianças surdas, com ações e acompanhamentos dos profissionais que trabalham com essas crianças com especificidades linguísticas, buscando outras possibilidades de atuação que atendam com qualidade aos alunos em processo de inclusão. Todavia, podemos destacar apesar dos muitos desafios encontrados na inclusão de alunos surdos na educação infantil, a iniciativa da política de educação bilíngue proposta por esta Secretaria.

Como realçamos, pretendemos com esta pesquisa dar visibilidade às crianças surdas e seu atual processo de inclusão, a fim de, provocar reflexões, diálogos, inquietações sobre novas possibilidades de trabalho com a criança surda em contexto escolar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SARMENTO, M. J. **O Estudo de Caso Etnográfico em Educação**. In: ZAGO, N; CARVALHO, M.P.; VILELA, R.A.T. Itinerários de pesquisa: Perspectivas qualitativas em sociologia da educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 137-179.

VIGOTSKI, L. S. **Psicologia pedagógica**: tradução do russo e introdução de Paulo Bezerra. - 3.ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

VIGOTSKY. L.S. **Formação social da mente**. Martins Fontes. São Paulo. 2007.

VYGOTSKI, L. S **Obras Escogidas V**: Fundamentos da Defectologia. Madri: Visor,1983.

VYGOTSKI, L. S. **Sobre os Sistemas Psicológicos (1930)**. Em: L. S. Vygotski: Teoria e Método em Psicologia. São Paulo: Martin Fontes, 1996, p.103-136.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. Lisboa: Edições Antídoto, 1979.